

STREET RIVER: experiência estética e visibilidade social dos ribeirinhos na Amazônia paraense¹

Will Montenegro Teixeira²

José Ferreira Junior³

Lucilinda Ribeiro Teixeira⁴

Universidade da Amazônia, Belém, PA

Universidade Federal do Maranhão, Belém, PA

Resumo: O objetivo deste artigo é colocar em discussão alguns aspectos do projeto Street River, em Belém – PA, sobretudo no que diz respeito à aderência da iniciativa junto à população de ribeirinhos da ilha do Combu, dimensionando-se, ainda, a participação do poder público por intermédio do IPHAN. A intervenção estética é algo já rotineiro nos espaços urbanos com consequências, quase sempre positivas, para o local das locações de tal movimento; mas, até certo ponto, tem um caráter novo para as áreas periféricas, razão pela qual levanta questionamentos de ordem social, econômica e política.

Palavras-Chave: Projeto Street River. Amazônia. Experiência Estética.

1. Introdução

O percurso de águas fluviais, em abundância incomum, é uma característica da cidade Belém, capital do Pará, localizada na região Norte do Brasil. Apresentam-se dois tipos de ecossistemas. O primeiro tipo é as terras de várzeas, regiões baixas em beiras de rios. E o segundo tipo é a terra firme, área relativamente alta não sujeita às inundações sazonais (Imagem 1). A cidade está situada na área interna do estuário do rio Amazonas. Belém possui o principal centro urbano da zona de transição da Amazônia Oriental, Central e Ocidental. O território está dividido em duas áreas: uma continental e outra insular. Na zona insular, a capital do Pará possui em sua circunscrição estadual de 39 ilhas, além de outras ao entorno de Belém que estão sob

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Professor universitário. Doutorando em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama), Mestre em Ciências Sociais – Sociologia pela UFPA, willmontenegro@hotmail.com Professor Titular no Programa de Comunicação - Mestrado Profissional da Universidade Federal do Maranhão, campus São Luís - MA, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, jferr@uol.com.br

³Professor Titular no Programa de Comunicação - Mestrado Profissional da Universidade Federal do Maranhão, campus São Luís - MA, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, jferr@uol.com.br

⁴Professora Titular no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (Unama), Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, lucilind@uol.com.br

administração de outros municípios paraenses. A forma de acesso às ilhas é fluvial, por meio de embarcações de pequeno e médio portes que saem diariamente dos diversos portos de Belém e representam a zona rural da cidade (TELES; MATHIS, 2008).

Os moradores da zona insular são identificados como populações tradicionais ou ainda de povos ou comunidade tradicionais. São grupos que ocupam de forma própria o espaço, possuem formas próprias de organização social e cultural, utilizando os recursos naturais para a sua reprodução.

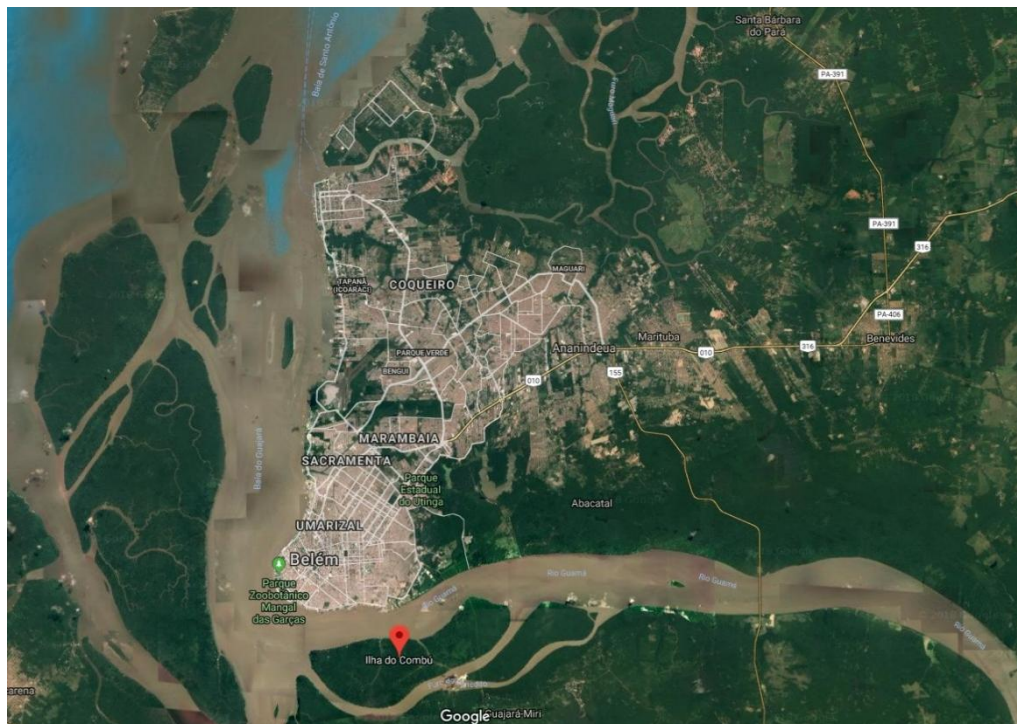


IMAGEM 1- Mapa por satélite do município de Belém continental e insular
FONTE - Reprodução Google Maps, 2018.

A navegação desta pesquisa, momento de inserção na comunidade, embarca na parte continental de Belém com destino à Ilha do Combu (Imagem 2), uma das que compõem a parte insular da capital paraense. Está localizada na margem esquerda do rio Guamá a 1,5 km do centro urbano de Belém. Possui uma área de aproximadamente 15 km², com vários furos e igarapés, e 985 habitantes. Com base no estudo do projeto Zoneamento Econômico e Ambiental nas Ilhas do entorno de Belém (2015), realizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), a população reside nas ilhas há bastante tempo. Em média, possuem entre 24 e 38 anos de residência. A faixa etária média está entre 36,6 a 48,6 anos e o número médio de filhos das famílias é de entre 3,0 e 4,5.

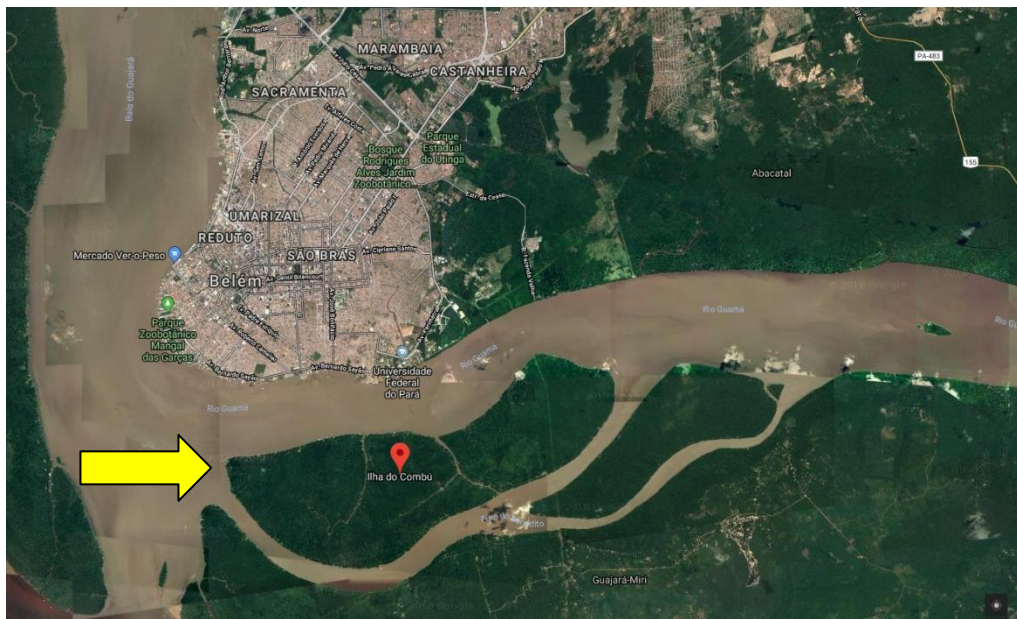


IMAGEM 2 – Ilha do Combu capturada por satélite
 FONTE - Reprodução Google Maps, 2018.

Em 1997, a Ilha foi transformada em Área de Preservação Ambiental (APA) Combu. Apresenta estrutura produtiva rural e familiar. Apesar de a Ilha do Combu ser o local de desembarque, existe um elemento nela que chama atenção e é o objeto deste artigo: o projeto *Street River* (Imagem 3).



IMAGEM 3 – Casa no Furo da Paciência durante pintura de Sebá Tapajós em 2017
 FONTE - TEIXEIRA, 2017.

A fachada da moradia do habitante da localidade, normalmente construída em madeira, recebeu um colorido. A Imagem 3 retrata uma das casas localizadas no furo (terminologia amazônica acerca de trechos onde a navegação é possível) da Paciência, residência comum às margens da Ilha do Combu. As habitações integram o projeto Street River Amazônia, iniciativa do artista visual e grafiteiro Sebastião Tapajós Junior, conhecido como Sebá Tapajós. Iniciado em 2014, o projeto tem a proposta de levar a arte urbana (também conhecida como *Street Art*), em especial na expressividade da pintura do grafite, à Ilha e enaltecer a cultura dos povos tradicionais da Amazônia, historicamente esquecidos pelo Poder Público e que enfrentam problemas rotineiros de saneamento básico e de infraestrutura urbana.

A pintura do grafite tem como suporte, e por estratégia de visibilidade midiática, a fachada da moradia dos ribeirinhos, sendo uma forma de expressão da arte urbana; e, conseqüentemente, da representação e do imaginário amazônico. Sem os contornos de ilustrações caligráficas dos anos 1970 e 1980, mas com a proposta da utilização de elementos pictóricos, que traduzem paisagens, povos tradicionais, flora e fauna e modos de vida.

O projeto, intitulado de primeira galeria fluvial do mundo, é composto por grafites de Sebá Tapajós e de artistas nacionais e internacionais convidados. Em sua terceira edição, realizada em maio de 2017, dez artistas, além de Sebá, participaram o Street River, que teve apoio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Durante a pesquisa documental, a expressão de primeira galeria fluvial do mundo ora é atribuída ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), quando a entidade teria participado como apoiadora da edição de 2016 do projeto, ora é atribuída ao idealizador Sebá Tapajós, principalmente textos jornalísticos, em variados gêneros, publicados pela imprensa paraense.

Apresenta-se, com efeito, uma problematização para quem pretende analisar essa intervenção artística. Se há um processo de adesão por parte dos ribeirinhos, como as próprias imagens demonstram, há também o braço do Estado (por intermédio do Iphan), quase sempre ausente quando se trata de outras demandas, na condição de parceiro, justamente em um lugar no qual ocorre uma acelerada valorização turística; e, até certo ponto, uma “gourmetização”, tão ao gosto das classes médias. O dado empírico, acima mencionado, não diminui, entretanto, o impacto da experiência estética, para quem visita a exposição, sobretudo se a matriz teórica com a qual se trabalha é a semiótica de

Charles Sanders Peirce, cuja categoria da primeiridade (PEIRCE, 1990; IBRI, 1992; SANTAELLA, 2001, 2005), portadora da qualidade de sentimento, afiança a validação do admirável, independente ter vínculo ou não com belo.

É interessante e oportuno ter esse ponto de vista como fundamentação analítica para se poder identificar eventuais singularidade e, também, inevitáveis replicações no projeto *Street River*.

2. O legado das intervenções estéticas e a locação paraense

O histórico das manifestações urbanas, com efeitos estéticos, é rico e ilustrativamente importante para o entendimento do que se pretende destacar no centro e no entorno do produto artístico exposto. Nelson Brissac, organizador do projeto Arte/Cidade, na década de 1990, na cidade de São Paulo, sinaliza para o âmago da questão:

As experiências realizadas por “Arte/Cidade” estabeleceram um conjunto de procedimentos, tanto no que se refere à escolha de situações quanto às táticas artísticas e urbanísticas empregadas. Mas estas modalidades de prática no espaço urbano também suscitam questões, por causa de suas relações com operações de redesenvolvimento urbano e com políticas de instituições ligadas à arte. (BRISSAC, 2006, p.86).

Trabalha-se de modo a agenciar essa perspectiva para observação do objeto cuja dinâmica incorpora experiências de outros lugares, sem que se perca tipificação do ambiente em que se encontra, região e bioma do país que atraem olhares do mundo em função de sua biodiversidade.

Há uma, relativamente, farta literatura acerca do modo de vida dos ribeirinhos, denominados na região, também, de Povos das Águas. Para a conceituação sociológica e empírica, eles se diferem de outros povos de terra firme, porque vivem em comunidades, à beira de rios, igarapés e igapós e em casas – na maioria das vezes – de palafita (construções em madeira, suspensas da terra firme para enfrentar as inundações dos sistemas de cheias dos rios). Os ribeirinhos desenvolveram relação específica com a terra. É nela que ocorre o trabalho de colheita na ilha, assim como depende da água também para o trabalho a fim de estabelecerem pequenas transações comerciais com a região continental (SCHERER, 2005).

A importância acadêmica desta pesquisa está assentada na perspectiva interdisciplinar, com o foco no campo de conhecimento da comunicação e da semiótica.

A cidade é um espaço comunicacional, de linguagens e cultural. No caso de Belém, com a sua parte continental e insular, existe a conexão de fluxos informacionais e trocas comerciais. De acordo com Oliveira (2010), a noção de lugar se desterritorializa na atualidade e alcança os limites geográficos dos países, em especial aos indivíduos, de formas e em proporções distintas.

As modificações da comunicação no espaço urbano permitem observar de como um local pode ser tomado por novas experiências espaço-temporais. A cidade de Belém traduz, em parte, esse processo, no qual as interações comunicacionais se dão de forma diferenciadas entre as partes continental e insular, no caso entre os ribeirinhos, haja vista que, apesar das ilhas pertencerem a Belém, elas têm aspectos de configuração rural, mesmo com a pouca distância física da parte continental.

Oliveira (2010) observa que o sujeito urbano - habitante das grandes cidades - parece desaparecer nas diferentes manifestações comunicativas que simulam a ideia de pertencimento ao mundo. Portanto, a cidade está ligada, na maioria do tempo, ao campo das informações midiáticas.

A partir desta perspectiva, é necessário ampliar a concepção de sujeito urbano de Belém, já que é uma cidade formada pelas partes continental e insular. No entanto, o ribeirinho, habitante das ilhas, também está neste contexto das manifestações comunicativas, quando disposto e exposto aos signos midiáticos e da arte, por exemplo, a fim de estabelecer uma prática comunicacional e até mesmo de interação como o espaço no qual se relaciona.

É no meio urbano que o grafite nasceu e é neste espaço que tem a sua maior expressão nos dias atuais. No entanto, também é possível encontrar outro projeto com características semelhantes em uma vila de artesões do distrito de Pasmadinho, no município de Itinga, no Vale do Jequitinhonha, no Estado de Minas Gerais. Segundo reportagem jornalística exibida no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, em 23 de setembro de 2018, o artista plástico Wenderson Moraes pinta as fachadas das casas do vilarejo desde julho daquele ano. No total, foram mais de 60 casas pintadas (Imagem 4).



IMAGEM 4 - Fachada de casa pintada no vilarejo de Pasmadinho (MG)
FONTE - Reprodução TV GLOBO/Fantástico, 2018

Segundo a reportagem, o artista produz a tinta de aplicação na fachada a partir de barro seco, água, cola branca, cal e corante (tintura) e o custeio é tirado do próprio bolso. Ele afirmou em reportagem já ter desembolsado cerca de R\$ 5 mil. Durante a entrevista, Wenderson contou que faz a pintura após percorrer várias outras localidades do mundo e volta à Pasmadinho com a necessidade de estar perto da sua região.

A abordagem aos moradores das casas do vilarejo de Minas Gerais é feita de formato semelhante ao do projeto *Street River* da Ilha do Combu de Belém, com a interação junto aos habitantes que, segundo a reportagem do Fantástico, ocorre com sugestões e palpites, como é apresentado na Imagem 5. A moradora, Zenolia, pediu para pintar o nome na fachada da casa. Algo curioso, e validador do projeto, em razão de sinalizar para uma assinatura e coparticipação da moradora na composição da peça artística.



IMAGEM 5 – Moradora da vila de Pasmadinho tem o nome pintado na fachada
FONTE - Reprodução TV GLOBO/Fantástico, 2018.

De forma comparativa, percebe-se uma semelhança de percurso de imagem visual no projeto *Street River* e a tensão (por exemplo, a recusa, por parte de alguns moradores, em ceder a fachada de sua casa para a intervenção estética) da construção de paisagem imagética e comunicacional nas moradias do vilarejo da comunidade mineira (Imagem 6).



IMAGEM 6 - Moradias com as pinturas de Wenderson Moraes em Pasmadinho (MG)
FONTE - Reprodução TV GLOBO/Fantástico, 2018.

3. Como se observar a Ilha do Combu e o que se pode encontrar na mídia

A escolha teórica que norteia este estudo, com repercussão no percurso metodológico, ao utilizar a lógica (para Peirce semiótica é sinônimo de lógica) como fator analítico, caminha-se para o ato de filiação à abordagem que compreende o signo como fator de mediação, a partir de uma imagem visual do objeto de pesquisa, o projeto *Street River*, considerando os sentidos e significados estabelecidos com base na lógica do contexto amazônico.

O horizonte conceitual é definido pelo entendimento de que a filosofia peirceana (PEIRCE, 1990; SANTAELLA, 2001) se alicerça, num primeiro momento, na Fenomenologia, seguida nas Ciências Normativas com a Estética, Ética e Lógica. Como é possível observar, a lógica ou semiótica encontra-se na centralidade da arquitetura filosófica, atada à Estética e à Ética.

No edifício filosófico de Peirce, a estética precede a ética e a lógica numa construção que coloca a qualidade de sentimento como alicerce para as escolhas dualistas e para a representação semiótica triádica, portanto não dicotômica. Trabalha-se, conseqüentemente, com a ideia do *continuum*. Sem fixações em pontos de partida e de chegada, preservando-se o devir.

Diante desses pressupostos, a intenção é, sem abdicar a noção peirceana de que “o admirável não pode ser determinado de antemão” (SANTAELLA, 2001, p.38), trilhar o caminho de tentar elucidar alguns pontos da problemática, exposta no início deste texto, e trabalhar com um objeto empírico, no qual é possível explorar e descrever as situações propostas a partir da realidade vivida (DENCKER; VIÁ, 2001), com enfoque no estudo exploratório, investigação empírica que explora o contexto em busca de informações com o propósito de averiguar a adequação de conceitos (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Apollinário (2012) afirma que não existe uma exclusividade de abordagem, uma vez que uma pesquisa pode apresentar os dois elementos: qualitativa e quantitativa. No entanto, ressalta que o estudo pode se voltar, preponderante, para uma das abordagens. A qualitativa é a tendência a ser seguida no caminho deste estudo, com a finalidade de se ter uma pesquisa voltada para o avanço do conhecimento teórico e empírico para a área da comunicação e da semiótica na Amazônia.

Para o início da incursão sobre o tema em tela, necessita-se lembrar de alguns pressupostos teóricos com os quais se pode ancorar esta análise, tendo como ponto de vista a semiótica peirceana.

É importante compreender a perspectiva fenomenológica, raiz do sistema filosófico e semiótico de Charles Sanders Peirce.

Não há nada, para nós, mais aberto à observação do que os fenômenos. Entendendo-se por fenômeno qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, isto é, qualquer coisa que **apareça** [...] A fenomenologia peirceana começa, pois, no aberto, sem qualquer julgamento de qualquer espécie: a partir da experiência ela mesma, livre dos pressupostos que, de antemão, dividiriam os fenômenos em falsos ou verdadeiros, reais ou ilusórios, certos ou errados. Ao contrário, fenômeno é tudo aquilo que aparece à mente, corresponda a algo real ou não. (SANTAELLA, 1983, p. 7).

Ao se tomar esse referencial teórico-metodológico, constata-se, sem qualquer julgamento prévio, uma adesão ao projeto *Street River* por parte da mídia local, cotejando-se os textos que divulgaram, para os moradores de Belém, a exposição na Ilha do Combu.

A imprensa paraense acolheu bem a iniciativa, publicando reportagens de divulgação cujo foco foi mais o artista e a exposição, com citação lateral para a locação da Ilha do Combu, não havendo, também, menção acerca da participação do IPHAN na iniciativa de Sebá Tapajós.

Um exemplo disso foi uma matéria jornalística de O Liberal, órgão de imprensa da maior empresa de comunicação do Pará, sobre a exposição. O texto ressalta, sobretudo, o protagonismo do artista, pelo seu comportamento e pelos seus projetos:

Inquieto por natureza, ele já deu partida nesse trabalho: custeia do próprio bolso apostilas para os alunos do centro educacional onde dará aula, além de já ter grafitado dois barcos e três casas da Ilha do Combu. [...] Enquanto vai tocando por si próprio o projeto, ele recebe o apoio de Homero Fortunato, que vem documentando as etapas do processo artístico de Sebá, e acumulando material para um documentário (O LIBERAL, 3 de março de 2015).

Em todas as edições, a mídia do Pará cobriu o evento, gerando uma certa visibilidade para as comunidades ribeirinhas; todavia, de forma paralela, crescia a exposição da localidade para exploração turística, com destaque para a gastronomia,

como neste texto de um site voltado para a divulgação dos locais com vocação para o turismo.

Combu é uma das 39 ilhas de Belém e ganhou fama com seus chocolates artesanais, eitos com cacau plantado no quintal de casas erguidas sobre palafitas. Até chefs brasileiros como Alex Atala e Thiago Castanho já se renderam ao produto. [...] As 200 famílias responsáveis pelos chocolates 100% cacau representam 50% da população da ilha de Combu, cuja produção anual é de quatro toneladas. A qualidade do produto local se deve a um solo fértil de várzea que está, permanentemente, úmido e é rico em minerais argilosos. Atualmente, o chocolate é a segunda fonte de renda da população (a primeira é o açaí). (VIAGEM EM PAUTA, 2 de junho de 2016).

Cabe mencionar que, além da mídia paraense, a exposição foi o mote para a divulgação da localidade, em âmbito nacional, entre outros órgãos de imprensa, pelo caderno Turismo da Folha de S. Paulo em 21 de janeiro de 2016, com o título “Esse rio é minha rua”.

4. Implicação do cenário atual da Ilha do Combu: arte, turismo e sustentabilidade

A experiência estética da intervenção artística do grafiteiro Sebá Tapajós, na Ilha do Combu, remete a, pelo menos, três eixos de análise crítica: o alargamento da fronteira urbana para novos lugares da arte, o assédio dos agentes de turismo em busca de potenciais locações para negócios e a divulgação acrítica por parte de mídia, sobretudo no que diz respeito à sustentabilidade, sabendo-se, diante de mão, que a localidade é quase totalmente desprovida de infraestrutura de saneamento, consequência de uma omissão histórica do poder público.

Cada um desses eixos apresenta ramificações para aspectos pontuais, cuja dimensão aponta para a complexidade e a interdisciplinaridade dos temas em foco, os quais recebem, muitas vezes, tratamento analiticamente residual por parte das autoridades públicas, pela mídia local e nacional; e, ainda, pelo universo acadêmico, pouco afeito a temas transversais.

O morador da Ilha do Combu se vê como participante, e validador, tanto da exposição e quanto das transformações espaciais de sua localidade, estas últimas provadas pelo turismo, sem ter recebido um “protocolo”, dimensionando os riscos e os benefícios de tais atividades desenvolvidas por agentes externos ao local.

O desafio é não excluir ainda mais, no futuro, quem já está excluído, sendo oportuno talvez inverter a narrativa que privilegia os protagonistas com acesso à mídia. Isso sem que se queira estipular uma normatividade abusiva ou, ainda, uma não validação das experiências atuais, atraentes para quem compreende os limites da experiência estética para além dos padrões tradicionais.

5. À guisa de conclusão

É válido retomar à problematização, levantada no início do texto, colocando-a na perspectiva sugerida por Nelson Brissac (2006) de se trabalhar um novo modelo de desenvolvimento urbano, que convirja para uma visão mais inclusiva por parte das autoridades ligadas à arte, no caso específico brasileiro se espera um posicionamento proativo do IPHAN; mas, também, que o seja em sintonia com os contextos locais de cultura.

O objeto analisado, neste texto, traduz empírica e semioticamente a experiência estética para o abalo afetivo do admirável, por motivo de a locação para o evento artístico ter, por si só, algo de bastante incomum.

Para preservar o aspecto ligado ao *continuum*, caro à semiótica peirceana, entende-se que a exposição, na Ilha do Combu, tem alguma semelhança com outras intervenções, contudo possui atipicidades na medida em que se encontra numa região cujos olhares do mundo se voltam, constantemente, por causa de sua biodiversidade.

O caráter experimental da produção amazônica, e paraense do projeto *Street River*, suscita perguntas e questionamentos, razão pela qual deve ser analisada à luz dos legados de outras intervenções, validando-se os aspectos inclusivos e alertando-se para possíveis fatores de exclusão e de baixa sustentabilidade.

Referências

- APOLLINARIO, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- BRISSAC, Nelson. **Arte/cidade – um balanço**. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202006000100008. Acesso em: 13 fev. 2019.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIA, Sarah. C. da. **Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)**. São Paulo: Futura, 2001.
- GOOGLE MAPS. **Mapa por satélite do município de Belém continental e insular**. Imagem digital, 2018.
- _____. **Ilha do Combu capturada por satélite**. Imagem digital, 2018.
- IBRI, Ivo A. **Kósmos noetos**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- O LIBERAL. **O grafite ribeirinho de Sebá**. 2015. Disponível em: <http://www.ormnews.com.br/noticia/o-grafite-ribeirinho-de-seba>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. Florianópolis: Terceiro Milênio, 2010.
- PARÁ. Universidade Federal do Pará. **Projeto zoneamento econômico e ambiental nas ilhas do entorno de Belém**. Belém-PA, 2015.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 1983. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/258550/mod_resource/content/1/oquesemiotica-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf. Acesso em: 13 fev. 2019.
- _____. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: FAPESP; Iluminuras, 2001.
- _____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SCHERER, E. **Modos de vida ribeirinha na Amazônia**. GT11 – A – Mundo Rural na Sociedade Brasileira: Território, Atores e Projetos. XII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2005. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=do_c_download&gid=643&Itemid=170. Acesso em 3 mar. 2017.
- TEIXEIRA, W. M. **Casa no Furo da Paciência durante pintura de Sebá Tapajós em 2017**. Belém, 2017. 1 fotografia digital
- TELES, E.; MATHIS, A. **Dinâmicas sócio-espaciais: estratégias de sobrevivência em comunidades Ribeirinhas no Estuário Amazônico**. IV Encontro Nacional da Anppas em Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT7-310-867-20080510222553.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2017.
- TV GLOBO/FANTÁSTICO. **Fachada de casa pintada no vilarejo de Pasmadinho (MG)**. Imagem digital, 2018.
- _____. **Moradora da vila de Pasmadinho tem o nome pintado na fachada (MG)**. Imagem digital, 2018.

_____. **Moradias com as pinturas de Wenderson Moraes em Pasmadinho (MG).**
Imagem digital, 2018.

VIAGEM EM PAUTA. **Ilha do Combu é a versão doce de Belém, capital do Pará.** 2016. Disponível em: <http://viagemempauta.com.br/2016/06/02/ilha-do-combu-e-versao-doce-de-belem-capital-do-para/>. Acesso em: 14 fev, 2019.